

A VILA ZUMBI DOS PALMARES SOB A ÓTICA GEOGRÁFICA

Major QCO Carlos Ritter¹

RESUMO: Buscou-se associar elementos das geografias urbana e cultural no sentido de desconstruir alguns dos mitos criados com relação às periferias urbanas, contextualizando as semiologias estabelecidas e reestabelecidas em uma vila localizada na porção leste do entorno do Aglomerado Metropolitano de Curitiba – a vila Zumbi dos Palmares. Destacam-se dois momentos: o primeiro, abarcando desde sua origem no ano de 1991, a partir de uma ocupação irregular, periférica com inúmeras precariedades socioeconômicas e infraestrutura precária e o segundo ao sofrer forte intervenção do Estado, a partir do ano de 2004, com a implantação de um projeto de regularização fundiária e desenvolvimento socioambiental. Assim, a Vila Zumbi passou por transformações, as quais promoveram um grande êxodo dos seus ocupantes iniciais e ao mesmo tempo, atraíram outros, portadores de diferentes bagagens culturais.

Palavras chave: periferias urbanas, desconstrução, mitificação; semiologia, deperiferização.

ABSTRACT: We tried to associate elements in urban and cultural geographies in order to deconstruct some of the myths related to urban peripheries, contextualizing the semiology established and reestablished in a village in the eastern portion of the surrounding cluster of Metropolitan Curitiba - the village Zumbi dos Palmares. We highlight two points: the first, covering from its origin in 1991, beginning with an illegal occupation, marginalized with many socioeconomic difficulties and poor infrastructure. The second point is when village Zumbi suffered a strong state intervention in the year 2004, with the implementation of a land regularization project and environmental development. Thus, village Zumbi went through transformations, which promoted an exodus of its original occupants and at the same time, attracted other people of different cultural background.

Keywords: Urban periphery, myth, semiology, deperipherization.

1 - Professor de Geografia do Colégio Militar de Curitiba. Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: carlos_ritter@hotmail.com

Costuma-se referenciar as periferias urbanas, principalmente aquelas localizadas nos Aglomerados Metropolitanos Brasileiros, como algo desconectado da “cidade”, simplificando as suas origens e as suas legitimações, uma vez que são vistas como uma patologia urbana, como um problema a ser extirpado. São entendidas, na maioria das vezes, como um flagelo na produção do espaço urbano, algo separado daquilo que é concebido como cidade.

Nas diversas áreas do conhecimento que abordam questões “urbanas”, como Geografia, História, Sociologia, Urbanismo, entre outras, é normal se encontrar uma interpretação arraigada num conceito dual e geométrico (centro-periferia), oriundo ainda da “modernidade”, no caso da Geografia, de uma geografia funcionalista, na qual, *periferia* é tida como área localizada na extremidade do tecido urbano, nas suas bordas, nos seus “anéis” externos, como a mais afastada do “centro” urbano, enfim, no limite circunscrito de uma cidade, num misto de urbano e rural.

Torna-se necessário romper com o paradigma que vem concebendo periferia(s) como um lugar longe, distante fisicamente de algum ponto central, uma vez que o distanciamento “geométrico” não é mais o determinante das relações socioespaciais nos espaços urbanos, apesar de se constituir, ainda, em um fator a ser considerado.

A superação da singularização deste termo, também se faz urgente, uma vez que a heterogeneidade e a velocidade dos seus fenômenos caracterizadores, enquanto adjetivantes das suas espacialidades acabam por pluralizá-lo.

Apresentam-se, as periferias, cada vez mais pelas multiplicidades, sejam elas ligadas às paisagens/morfologias, dependentes dos sítios onde estão instaladas, dos materiais de construção mais disponíveis ou à mescla das bagagens culturais dos seus construtores, sejam ainda, pelo grau de inserção no complexo metropolitano. Tudo vai depender do contexto em que essas *periferias* são constituídas, enquanto espacialidades peculiares. Assim sendo, parece mais correto tratar de *periferias* e não simplesmente “*periferia*”.

Segundo Domingues (1994/5, p.7)

A “distância” ao centro é, assim, uma distância sociológica [...]. Essa distância é, por isso, definida por um afastamento real e simbólico a um “efeito urbano” (identificado pelos indicadores referidos), independentemente da sua posição geográfica no contexto da metrópole: assim, pode estar localizado numa área tida como central, como, de resto, é muito típico do “ghetto” nas cidades dos EUA ou dos centros históricos degradados de algumas cidades europeias.

Na abordagem proposta, neste artigo, as periferias se materializam em espaços caracterizados, não só, por um grau deficitário no que se refere a um padrão de urbanização reinante ou por não serem portadoras dos mesmos equipamentos e da mesma lógica urbanística do seu entorno, ou ainda, por estarem aquém em termos de infraestrutura, de serviços, de comércio e de moradia, mas principalmente por não possuírem o mesmo *status* ou a mesma aceitação, fatos que as coloca num nítido distanciamento socioeconômico e psicossocial com relação as demais espacialidades estabelecidas no espaço urbano. Essa não aceitação advém, principalmente, da mitificação, dos estereótipos criados a despeito dessas espacialidades.

As periferias podem ser concebidas a partir do fato de estarem às margens, todavia, às margens de um universo referencial baseado nas questões sociais, econômicas, políticas e culturais.

A subjetividade do seu *status* enquanto *periferias*, contingencia-as a uma situação de submissão e a um grau de dependência com relação a um espaço urbano intermediário predominante e concomitantemente às possíveis centralidades existentes.

Além dessa questão, inúmeros equívocos são cometidos com relação as *periferias*; entre eles, a não inserção dos aspectos sócio-culturais dessas espacialidades na maioria das análises geográficas. Nas abordagens geográficas funcionalistas, sistêmicas e marxistas, de maneira geral, é desconsiderada a relevância desses aspectos na construção dos espaços denominados

“*periferias*” e, mais ainda, subjuga-se ao fato de elas terem como essência as pessoas, os indivíduos humanos, numa dialética semiológica ou até mesmo numa “*trialeítica*”, como expõe Lefebvre (1974, p. 56-58), em que imbricam os espaços das práticas sociais, as representações do espaço e o espaço das representações.

Trata-se de uma geografia das espacialidades que desafia epistemologicamente as grandes narrativas geográficas ainda vigentes que, no meu ver, ficam muito confinadas em antigos idealismos e positivismos, todos de certa forma reducionistas como, por exemplo, a geografia funcionalista e sistêmica e a geografia crítica estruturalista. [...] Já avistamos os horizontes, mas ainda não conhecemos as paisagens epistemológicas embutidas neles. Precisamos embarcar nesta direção com novas geografias dos significados, das imagens e da ação. (SAHR, 2007, p. 2)

Pautando-se nessa linha de raciocínio, objetivou-se a desconstrução de alguns desses mitos criados com relação às periferias urbanas, com base nos trabalhos já desenvolvidos junto às comunidades da Vila Zumbi dos Palmares, cuja origem remonta a uma ocupação irregular localizada na porção leste do Aglomerado Metropolitano de Curitiba.

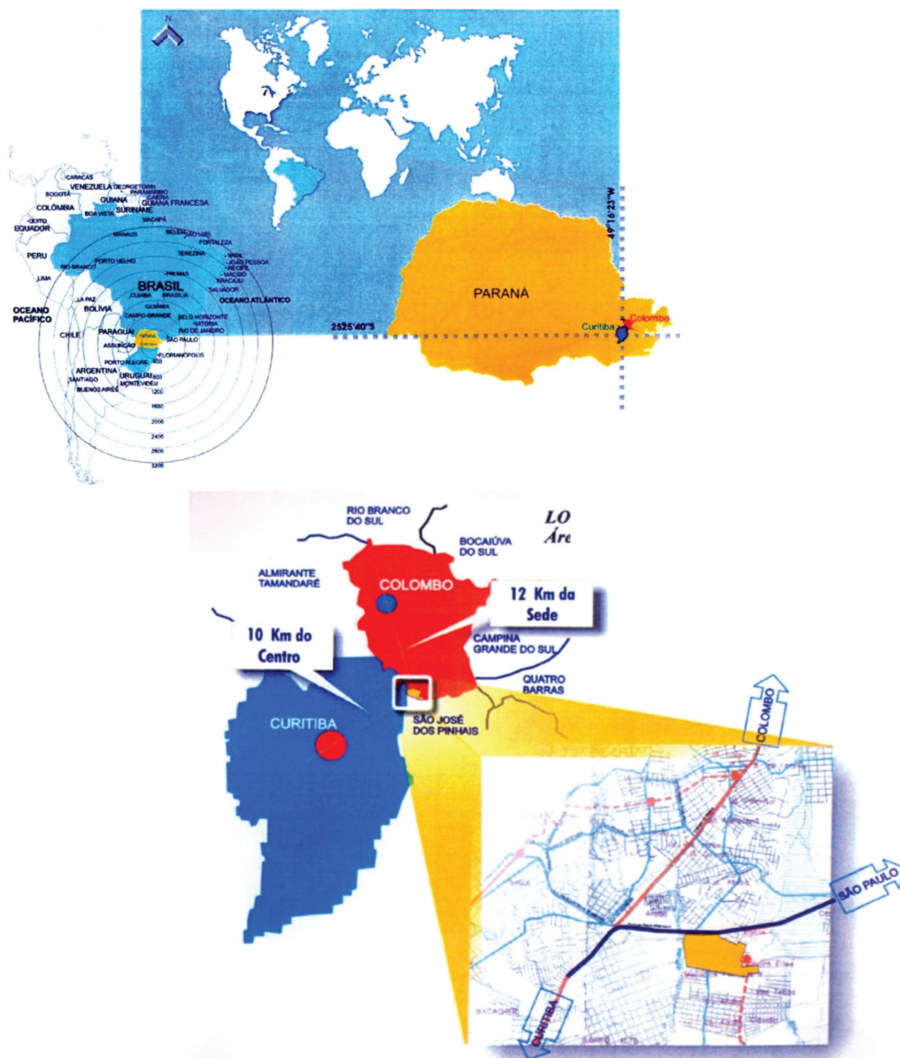
Para uma melhor contextualização, torna-se importante destacar que o Aglomerado Metropolitano de Curitiba (AMC) é atualmente composto por uma extensa “*mancha urbana*” oriunda de um processo de conurbação e de comutação envolvendo Curitiba e porções de treze dos seus vinte seis municípios formadores da sua região metropolitana.

Segundo os dados apresentados, em 2007, pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a RMC (Região Metropolitana de Curitiba) totalizava 3.117.369 habitantes, sendo que mais de 80% desse total residia no seu aglomerado metropolitano.

E nesse aglomerado metropolitano, as espacialidades apresentadas pela vila Zumbi dos Palmares se tornaram instigantes, pelo fato dessa vila ter se caracterizado, até o ano de 2004, por uma intensa *periferização*, e por

estar, a partir desse ano, sofrendo um processo desperiferizante. Assim, tem contribuído, concomitantemente, para novas periferizações em outras áreas, ou seja, no conjunto, é possível constatar os processos de periferização, de desperiferização e de reperiferização ou de nova periferização (P-D-R/NP).

Figura 1: Localização da Vila Zumbi dos Palmares



Fonte: IPARDES, 2005

Nesse contexto, significativas mudanças semiológicas estão a ocorrer no interior dessa Vila, seja pela substituição dos seus moradores, de certa camada social por de outras diferentes, seja pelos novos signos urbanos introduzidos, convivendo com os anteriores e principalmente pelas constantes

ressignificações e (re)espacializações presentes. Mesmo assim permanecem os estereótipos criados no imaginário daqueles que lá não residem e que têm a vila Zumbi como uma favela violenta, como um antro de bandidos, povoada por desocupados e por traficantes de drogas, inadaptados, deslocados e totalmente desviantes, entre outros tantos.

A vila Zumbi, sob esses enfoques, apresenta elementos caracterizadores da complexa dinâmica socioespacial que acomete os principais aglomerados metropolitanos latino-americanos, e em que a concepção de homogeneidade inicial de suas áreas consideradas como periféricas, tão latente no passado, passa aos poucos a ser descaracterizada.

Numa maior complexidade, as periferias urbanas começam a apresentar características de fractalidade e de hibridismo, em ondas de heterogeneidade e efemeridade, e, cada vez mais, passam a não corresponder às mitificações criadas a seu respeito, isso se alguma vez foi possível.

Soja (1993, p. 101), escrevendo sobre a construção social do espaço, relatava não existir em inglês, até então, uma expressão amplamente usada e aceita para transmitir intrinsecamente a qualidade dessa construção, o que o levou a optar pelo termo *spatiality* (espacialidade) para especificar esse espaço socialmente produzido. Ao abordar a organização do espaço como produto social, esse autor esclarece que:

É necessário começar deixando tão clara quanto possível a distinção entre o espaço *per se*, o espaço como um dado contextual, e a espacialidade de base social, o espaço criado da organização e da produção sociais. [...] esse espaço físico foi uma base epistemológica ilusória para se analisar o sentido concreto e subjetivo da espacialidade humana. O espaço em si pode ser primordialmente dado, mas a organização e o sentido do espaço são produto da translação, da transformação e da experiência sociais. (SOJA, 1993, p. 100)

Santos (1988), ao aplicar as quatro categorias: *forma, função, processo e estrutura*, quando da análise do espaço, veio a afirmar que:

O espaço é resultado da soma e da síntese, sempre refeitas, da paisagem com a sociedade. A paisagem tem permanência e a espacialidade é um momento. “A paisagem é coisa, a espacialidade é funcional e o espaço é estrutural”. (SANTOS, 1988, p.73)

Essas interpretações de espacialidade dos geógrafos E. W. Soja e de Milton Santos ajudam no entendimento do que vem a ser *periferias* na contemporaneidade, uma vez que permitem uma flexibilização do termo *espaço*, o qual, de certa forma, permanece cristalizado em um processo, muito mais de mitificação do que de reflexão, em muitas das ciências humanas e/ou sociais.

Essa alienação espacial, criada na cultura ocidental e reafirmada em tempos de pós-modernidade, foi denominada de “mal-estar geográfico” e de “diferença ontológica” por Heidegger (1988).

Somando-se a esses posicionamentos epistemológicos, frisa-se que a ideia básica da geografia cultural, segundo Sahr (2007, p. 59), é a de trabalhar os mundos pelas pluralidades das expressões vividas ou interpretadas ou então a de Cosgrove (1998. p.92), ao afirmar que “a geografia está em toda parte”, para destacar a cultura e o simbolismo nas paisagens humanas.

Nesse contexto, procurou-se associar elementos das geografias urbana e cultural, num caminho parecido com aquele proposto por Frúgoli (2005, p.149) quanto às demais ciências sociais:

[...] as áreas sociais em torno da cidade revelam-se num campo fértil, [...]. A dinâmica de tais interfaces não depende, entretanto, apenas de lógicas presentes no campo intelectual e acadêmico, mas de fenômenos urbanos relevantes que exijam interpretações e análises. E em momentos de intensificação dessas interlocuções, a prática etnográfica tem se revelado, como vimos em um dado diferencial bastante significativo, cabendo continuar a explorar ou mesmo a radicalizar seu potencial, com atenção especial às múltiplas formas com que emergem e se entrelaçam, [...].

Dessa forma, voltou-se às comunidades da Vila Zumbi dos Palmares, enfocando-as em dois momentos distintos de espacialização, com as suas dinâmicas de signos, significações e ressignificações produzidas. O primeiro momento se caracteriza por espacializações em um ambiente de periferação a partir de um processo de ocupações irregulares de loteamentos e de uma gleba não parcelada, em 1991, dando origem a sua primeira “comunidade”, a qual chegou a ter cerca de 3.900 pessoas e a ser o maior favelamento² contínuo do Paraná, segundo a Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba (COMEC), (2001). Periferação essa que perdurou até 2004, quando começou a ser interrompida por ação do governo do Estado do Paraná, através de um programa socioambiental desenvolvido pela Companhia de Habitação do Paraná (COHAPAR), objetivando a sua regularização fundiária e urbana além da melhoria no seu quadro socioambiental, totalizando investimentos na ordem de R\$ 22 milhões.

O segundo momento parte de novas espacialidades para a vila Zumbi, com características desperiferizantes, com a chegada de infraestrutura básica e da mudança no perfil socioeconômico de seus moradores, não apenas pelas intervenções socioambientais, mas, principalmente, pela evasão de seus primeiros moradores, cerca de 58%³.

Essa maior presença do Estado, “urbanizando”, impondo regras e normatizações socioeconômicas, principalmente adicionando despesas financeiras aos moradores, até então não existentes, como prestação do lote regularizado e/ou do sobrado-padrão⁴ construído, tarifas de água, energia elétrica, imposto predial e territorial urbano (IPTU) entre outros impostos, promoveu a troca dos moradores, pela saída dos primeiros e a chegada de outros com características de maior submissão aos signos e aos ritos predominantes na “cidade-padrão”.

2 - A condição de favelamento é definida principalmente pela ilegalidade da posse da terra. Para maiores detalhes, ler *O que é Periferia* de Moura e Ultramar, 1996.

3 - Esse percentual foi obtido pelo autor a partir de pesquisas de campo realizadas em 2008/09.

4 - A COHAPAR construiu 289 sobrados (habitações de 2 pavimentos) geminados, no interior da Vila Zumbi, destinados àqueles moradores que estavam morando nas áreas de risco, ou seja, nas proximidades do rio Palmital e da rodovia BR 116.

As mudanças nas espacialidades da Vila tiveram íntima relação com o corporativismo que se acirrou entre o Estado e as grandes empresas, na virada dos séculos XX para XXI. Nesse caso específico, destaca-se o Empreendimento *Alphaville Urbanismo S/A*⁵, o qual passou a manter grande investimento nas proximidades da Vila Zumbi, ao construir um complexo comercial e residencial, contendo condomínios horizontais fechados voltados às camadas sociais de elevado poder aquisitivo - *Alphaville Graciosa e Alphaville Pinheiros*.

Dessa forma, com o mesmo recorte, a vila Zumbi conseguiu apresentar, em um curto período de tempo, semioses⁶ muito variadas que não podem ser explicadas apenas com referenciais pautados num determinismo econômico, com base na “luta de classes”, na priorização das relações do trabalho ou ainda nas idéias de “alienações completas” nas sociabilizações que se estabelecem. Os valores culturais presentes nessas espacialidades, enquanto periferias ou em desperiferização vão além dessas questões homogeneizantes, pois revelam que muitas das dimensões do universo em estudo não são abarcadas por esse tipo de posicionamento epistemológico.

Nas primeiras análises, procedidas antes da intervenção do Estado, percebia-se um universo de pessoas tidas como “faveladas”, e, por essa razão, estigmatizado como um grupo homogeneizado, portador das mais variadas precariedades socioeconômicas.

Ao se verificar, mais de perto, as origens e as narrativas daqueles primeiros ocupantes ilegais dessa Vila, constatavam-se heterogeneidades sob os mais diversos aspectos, começando pelo mapeamento de suas rotas migratórias, em que foi possível, pelas informações contidas nos trabalhos de Polli (2006), identificar um considerável percentual de pessoas oriundas de bairros de urbanização antiga, já consolidados em termos de infraestrutura

5 - Trata-se de uma empresa do ramo imobiliário atuante no mercado brasileiro e português, especializada em condomínios horizontais fechados de alto padrão. Todos os seus empreendimentos contam com uma área comercial e empresarial, além da residencial.

6 - Utiliza-se das concepções de Santaella (1983), nas quais a Semiose representa as relações triádicas dos signos, significantes e significados, carregados de poder de representação.

básica (42%), outros de bairros mais recentes, ainda em consolidação, porém legalizados (36%), alguns de favelamentos (20%) e pouquíssimos de áreas com características de ruralidade (2%), fato que desconstrói a idéia de que todas as periferias continuam a ser ocupadas por população vitimada pelo fenômeno do *Êxodo Rural* e, ao mesmo tempo, ratifica a predominância do fenômeno das migrações intrametropolitanas.

Muitos desses ocupantes irregulares se encontravam na formalidade com relação à legislação trabalhista, outros na informalidade, porém com percentual não superior ao primeiro grupo, fato que derruba alguns mitos, como: “as *periferias* são o *habitat* dos desempregados, dos malandros e desocupados”, em última instância o dos *lumpenizados*, dos excluídos pelo capitalismo ou ainda como constituintes do *Exército Industrial de Reserva*. Percebeu-se, pelo contrário, tratar-se de trabalhadores, em sua maioria, não apenas na condição de vitimados pelas circunstâncias socioeconômicas, mas também como optantes e de certa forma conscientes daquilo que estavam fazendo, ou seja, aproveitando-se de uma conjuntura favorável, dentro de suas lógicas, para se apossar de um pedaço de terra em uma área de invasão e lá construir um barraco. Fizeram isso pelos motivos os mais variados, tais como, livrar-se do aluguel, ficar mais próximo do local de trabalho, alugar suas famílias e agregados em um espaço maior, obter lucro ao alugar para terceiros ou para comercializar o barraco ou o lote, enfim inúmeras respostas foram obtidas em entrevistas procedidas com esta finalidade, como a do senhor L.A. da S.:

[...] a minha casinha lá no Boqueirão ficou muito pequena pra minha família. O João me avisou que o ônibus tava levando lá pras beira da BR e do Palmal quem quisesse um pedacinho de terra. [...] além de levá a gente, eles davam a lona preta, era só levá os documento, se cadastrá com o Juarez, tomá posse e montá o barraco. [...] pra mim foi uma mão na roda, montei o barraco de lona, [...] quatro mês depois fiz ele de madeira e fui pra lá mora com minha mué e os meu piquenos, deixei na minha casa o meu fio e minha fia mais veios com as famílias deles, nora e genro, três netinho e duas neta. (Entrevista realizada pelo autor, em 2008)

O conteúdo dessa entrevista e de outras derrubam a tese da “alienação total”, demonstrando que os moradores das *periferias* não estão numa situação psicossocial cristalizada ou alheios às mudanças do mundo ao qual pertencem, suas capacidades criativas de captar e de interpretar o mundo através de formas simbólicas se definem e são redefinidas de acordo com as adversidades encontradas. Constatase, portanto, serem esses indivíduos, não meras personagens passivas, pelo contrário, estiveram e estão em constante ação.

Por outro lado, também existe a situação política, num exercício de poder nessas espacializações. Uma característica importante, já ressaltada por Cosgrove (1998), está relacionada às questões afetas ao simbolismo e à cultura, uma vez que estão intimamente ligadas ao poder, revelando as relações de dominação e de opressão. Segundo esse autor,

[...] um grupo dominante procurará impor sua própria experiência de mundo, suas próprias suposições tomadas como verdadeiras, como a objetiva e válida cultura para todas as pessoas. O poder é expresso e mantido na reprodução da cultura. Isto é mais bem concretizado quando menos visível, quando as suposições culturais do grupo dominante aparecem simplesmente como senso comum. Isto é às vezes chamado de *hegemonia cultural*. Há, portanto, culturas dominantes e subdominantes ou alternativas, não apenas no sentido político, mas também em termos de sexo, idade e etnicidade. (COSGROVE, 1998, p.104-105)

Muito do simbolismo da paisagem reproduz as normas culturais estabelecendo os valores de grupos dominantes por toda uma sociedade.

Apenas para exemplificar, tem-se o nome escolhido para a Vila, fruto de uma ressignificação do personagem *Zumbi*, *Zumbi dos Palmares* – portador de importância histórica, uma vez que se refere ao “rei negro” - *líder do quilombo dos Palmares*, representativo de resistência e transgressão à ordem estabelecida, e dessa forma, procedeu-se a sua apropriação em uma aglutinação de datas, 13 de maio: marca a libertação dos escravos e a data

das ocupações e criação da vila, com também a de 20 de novembro: alusiva à morte de Zumbi, adotada como o “Dia da Consciência Negra”⁷.

A moradora A.R.N. em depoimento relata esse episódio:

“O P.8 sugeriu o nome Zumbi. Ninguém conhecia tal nome, foi então que ele explicou que foi o Zumbi um líder dos negros e que porque era maio, mês da libertação dos escravos seria interessante, e que aquele nome “Zumbi” era um nome forte, de grande impacto, chamaria a atenção do mundo inteiro para a nossa vila, pra a nossa causa, uma vez que no dia 13 de maio teve a maior chegada de pessoal pra nossa vila”. (Entrevista realizada pelo autor, em 2009)

Polli (2006) constatou existir fortes indícios de ter sido, a ocupação/invasão das glebas e dos loteamentos constituintes da Vila Zumbi, uma “ocupação induzida”, financiada e orientada por um grupo político contrário àquele que administrava os loteamentos e/ou que detinha a posse daquelas terras.

Também é importante frisar que não se trata de um “quilombola⁹ urbano”, como o nome poderia sugerir, uma vez que segundo dados do IBGE, retrabalhados pela COMEC em 2001, não havia na Vila Zumbi uma predominância de afro-descendentes, “negros ou pardos” (40%) e sim de população “branca”, eurodescendentes (58%), tendo ainda 2% no somatório nas outras categorias, conforme a metodologia adotada pelo IBGE no censo demográfico de 2000.

Com a consolidação dessa ocupação irregular, configurou-se uma periferação com favelamento, na qual pessoas de origens e bagagens

7 - Faz-se importante ressaltar que 13 de maio é a data comemorativa da abolição da escravatura no Brasil e que se estabeleceu 20 de novembro como alusiva a Zumbi, tida como a data de sua morte, adotada também como o “Dia da Consciência Negra”, no Brasil.

8 - O advogado P. foi um dos articuladores e organizadores da ocupação irregular dos loteamentos e das glebas constituintes, posteriormente, da vila Zumbi dos Palmares.

9 - Quilombolas são agrupamentos de famílias majoritariamente constituídas por pessoas negras agrupadas em torno de uma terra de uso comum. (constituída durante o período escravista no Brasil, que durou até 1888).

socioculturais das mais diversas se aglomeraram e passaram a compartilhar complexos processos de amoldamento e de construção de uma espacialidade, estabelecendo territorialidades e normas próprias. Nesse momento, abriam-se hiatos, *entre-espaços* ou descompassos, entre o que eles traziam consigo e o que encontravam; tudo isso com uma dinâmica muito grande. As estratégias de sobrevivência os obrigavam a se adaptar e, dessa forma, novos valores surgiram, de maneira particular e única, específica daquela espacialização, daquele momento histórico.

No entanto, alguns traços marcantes de suas bagagens culturais, extrapoladores das especificidades locais, também se faziam presentes, como a religiosidade e o lazer. Como exemplo, destaca-se a imediata construção de igrejas e a improvisação de campos de futebol, quase que de imediato a chegada do maior contingente de ocupantes, ocorrida em maio de 1991.

Como já exposto, de 1991 até 2004, esse processo de periferização se desenvolveu, sendo interrompido pela ação do Estado. Porém o dinamismo das significações e ressignificações daquelas espacialidades, em constante construção não sofreu interrupção, pelo contrário, passou a receber novos elementos e novos atores.

Até mesmo essa intervenção do Estado é carregada de mitificação, uma vez que a imagem da metrópole curitibana de maneira alguma se associava ao seu processo de periferização – procurava-se transparecer Curitiba como um enclave planejado e bem sucedido numa imensidão caótica de metropolização terceiro-mundista.

As políticas de planejamento urbano e urbanístico voltadas para Curitiba, com destaque para os Plano Agache, Plano Wilhelm-IPPUC, PDI I e II¹⁰ e do grande investimento em propaganda e *marketing* objetivavam, antes

10 - Plano Agache (1941-43). Foi desenvolvido, para Curitiba, por Alfred Agache, tendo em vista o seu prestígio em implementar semelhantes projetos em inúmeras cidades, como Chicago, Camberra, Rio de Janeiro, entre outras. A síntese do planejamento urbano desenvolvida pelo IPPUC, a partir das diretrizes de Wilhelm, se baseou no tripé: uso do solo, transporte coletivo e circulação, implementado a partir de 1975, e os PDI I e II (Plano

de tudo, a criação de uma imagem favorável, como os títulos bem ilustraram tal ideologia: *cidade-modelo*, *cidade-ecológica*, *cidade de primeiro mundo*, entre tantos outros. Esse agressivo *City Marketing* teve, e continua tendo ainda, um efeito reverso, pois ao mesmo tempo em que consegue inserir parcelas do seu aglomerado metropolitano no cenário “globalizado” das redes de cidades, atraindo para si o grande capital, as empresas e os turistas, atrai também contingentes das camadas inferiores em busca de emprego e de melhores condições de vida. Esses contingentes vislumbram as qualidades da metrópole curitibana, difundidas pelo *City Marketing*, porém, ao se direcionarem e localizarem-se em suas “*periferias*”, encontram exatamente o oposto do que lhes foi propagado ou àquilo que almejavam. Portanto, essa propaganda exacerbada vem ao mesmo tempo acentuar a saída daqueles de baixa renda das áreas em processo de valorização imobiliária e atrair novos “pobres”, os quais, na maioria, só conseguem se estabelecer no seu entorno e/ou nas suas áreas degradadas ou muito desvalorizadas.

[...] Curitiba centralizava a maioria absoluta das atividades econômicas relevantes, bem como as parcelas mais abastadas da população, “restando”, para os demais municípios, a população de baixa renda, aquela que não podia pagar o preço das transformações implementadas [...]. Desse modo, o crescimento populacional da Região Metropolitana ocorreu de modo seletivo, perverso e excludente [...]. (FIRKOWSKI, 2001, p. 54)

Outro fato relevante é ter a Vila Zumbi passado a se constituir em uma externalidade negativa, no momento em que as mídias locais, regionais e nacionais e até mesmo internacionais (*Slum in Curitiba?*) divulgam recordes de violência, de criminalidade na RMC, e a ideia de que a *favela Zumbi* estava atrapalhando os “negócios”, uma vez que se localiza muito próxima aos Condomínios Horizontais Fechados de *Alphaville*.

Soja (1993, p. 93), abordando essa questão, afirmou que:

de Desenvolvimento Integrado para a Região Metropolitana de Curitiba), elaborados pela COMEC. O primeiro (I) foi aprovado em 1978 e o segundo (II) em 2002, sendo, atualizado em 2006.

É preciso desenvolver um novo “mapeamento cognitivo”, uma nova maneira de olhar através dos véus gratuitos do pós-modernismo reacionário e do historicismo moderno avançado, para incentivar a criação de uma consciência espacial politizada e de uma práxis espacial [...]. Assim, as mais importantes geografias pós-modernas ainda estão por ser produzidas.

Em análises posteriores, já com as ações e as obras de regularização fundiária, urbanização e desenvolvimento socioambiental implementadas e com um aumento populacional próximo a 3.000 pessoas (COHAPAR, 2008¹¹), percebeu-se que, aos poucos, Zumbi vai se tornando uma vila “normal”. Porém, nesse processo de transição é que intensifica as dinâmicas semiológicas, e aquilo que estava por se consolidar é atropelado por novos sentidos e novas lógicas. Uma extrema heterogeneidade se estabelece, tendendo à diminuição de sua efervescência com o avançar da desperiferização.

As infraestruturas, as normatizações, enfim o que os técnicos chamam de “urbanização” está promovendo, praticamente, a troca dos seus moradores, a Vila passa a ser ocupada por outras pessoas (68% dos primeiros ocupantes já deixaram a vila) com outras características socioculturais e econômicas.

Comparando-se os dados anteriores a 2004 (COMEC) com os produzidos em 2008 (COHAPAR), ficam evidentes essas mudanças, como por exemplo, a maior presença dos serviços públicos básicos, o aumento da renda média mensal, a redução do desemprego, a não constatação do analfabetismo entre os seus moradores, a redução do número de integrantes por residência, a redução drástica das ocorrências policiais, principalmente as ligadas ao tráfico de drogas e aos homicídios, enfim a Vila começou a deixar de apresentar características de periferização, entrando, portanto, num processo de desperiferização.

11 - Em levantamento estatístico, realizado em 2008, a Companhia Paranaense de Habitação constatou possuir a Vila Zumbi dos Palmares mais de 6.900 moradores.

Grande parte daqueles ocupantes anteriores, diante de todas as mudanças, ao deixar a Vila, levou para outros “pedaços”, outros “lugares”, outras áreas em periferização ou não, além das precariedades socioeconômicas, todo um arcabouço de experiências vivenciadas durante a sua permanência na vila Zumbi. E provavelmente, a maioria, assim continue levando as experiências do atual local para outro periferizado; lá as reelaborando, em um constante processo ativo, na lógica do P-D-R/NP.

As *periferias*, ao mesmo tempo em que apresentam maior intensidade e volume, apresentam crescente efemeridade em suas espacialidades, pois, ao passo que são os locais possíveis à massa cada vez maior de pessoas relocadas em função do mercado fundiário urbano, são, também, objeto de crescente interesse desse mesmo mercado especulativo, dentro das tendências da contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se trata simplesmente de excluir ou incluir; de apenas relacionar significativo com significado; ou ainda de se ter um *lugar* ou um *não-lugar*, mas de se trabalhar as complementariedades, os Espaço-MUNDOS (SAHR, 2007, p. 73), os enfoques a partir dos quais as inúmeras categorias intermediárias, como os *Entre-Lugares*, entre tantas outras precisam ainda ser desvendadas, exploradas, uma vez que as essências e as “transessências” dos fenômenos não estão nos extremos e sim nessas categorias intermediárias.

Necessário se faz renovar a análise e, se preciso, desfazer os mitos com relação a essas espacialidades denominadas de “periferias urbanas”, fazendo-se uso do “confronto” da teoria disponível com as constatações obtidas em *loco*, numa permanente evolução. Concebê-las pelas condições econômico-sociais apresentadas e não pela simples localização “geometrificada” no espaço metropolitano.

Torna-se importante destacar que as periferias urbanas não devem ser reconhecidas pela simples localização na região urbana/metropolitana, mas pelas espacialidades formadas, pelas suas características socioeconômicas e culturais, de maneira que o interesse contemporâneo recaia no teor das suas materialidades e na subjetividade das suas potencialidades.

Dessa forma, torna-se importante a inserção, no estudo dessas espacialidades, os comportamentos rotineiros dos atores envolvidos, as motivações, as relações e formas de agir, enfim os meandros dos fatores socioculturais que não podem ser descartados caso se queira compreender os valores e as condições de vida dos seus moradores, a partir das quais as semioses são constantemente feitas, refeitas e (trans)feitas, e assim apresentam crescentes conotações e transcendências que as análises dualistas não conseguem abarcar.

REFERÊNCIAS

COMEC, dados retrabalhados do censo demográfico de 2000, do IBGE, referentes à Região Metropolitana de Curitiba. 2001.

COHAPAR. **Cadastro sócio-econômico**: vila Zumbi dos Palmares, 2008.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROZENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. 123p. p. 92-123.

DOMINGOS, A. Qualificação das Periferias. **Infogeo**, 2007, p. 139-143.

FIRKOWSKI, O. L. C. de. **A nova territorialidade da indústria e o aglomerado metropolitano de Curitiba**. São Paulo: 2001, 278 p. Tese de Doutorado em Geografia, FFLCH – USP.

FRÚGOLI JR, H. **O urbano em questão na antropologia**: interfaces com a sociologia. *Revista de Antropologia*, Vol. 48, nº 1: São Paulo, jan/jun 2005, p.133-151.

Jornal Notícias do Paraná, vinculado ao governo do Estado do Paraná, Set. de 2008.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

LEFEBVRE, H. **The production of space**. Oxford, UK: Blackwell, 1994. 454p. (orig.1974).

_____. **A revolução urbana**. Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em Geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007.

MOURA, R. e ULTRAMARI, C. **O que é Periferia**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

POLLI, S. A. **Curitiba, metrópole corporativa**. Rio de Janeiro: Dissertação de mestrado, UFRJ, 2006.

SAHR, W-D. **Linguagem, imagem e o performativo**: um tour d'horizon na Nova Geografia Cultural, 2006.

_____. **Signos e EspaçoMUNDOS** – A semiótica da Espacialização na Geografia Cultural. p. 57-79. In KOZEL, S., SILVA, J. da C. e FILHO, S. F. G. (orgs). **Da Percepção e Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Imagem, NEER, 2007.

SANTAELLA, L. **O que é Semiótica**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **A natureza do Espaço**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo, Hucitec, 1996.

_____. **O Papel Ativo da Geografia** – um manifesto. Revista Território. Rio de Janeiro, ano V, p. 103-109, jul/dez, 2000.

SOJA, E. W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.